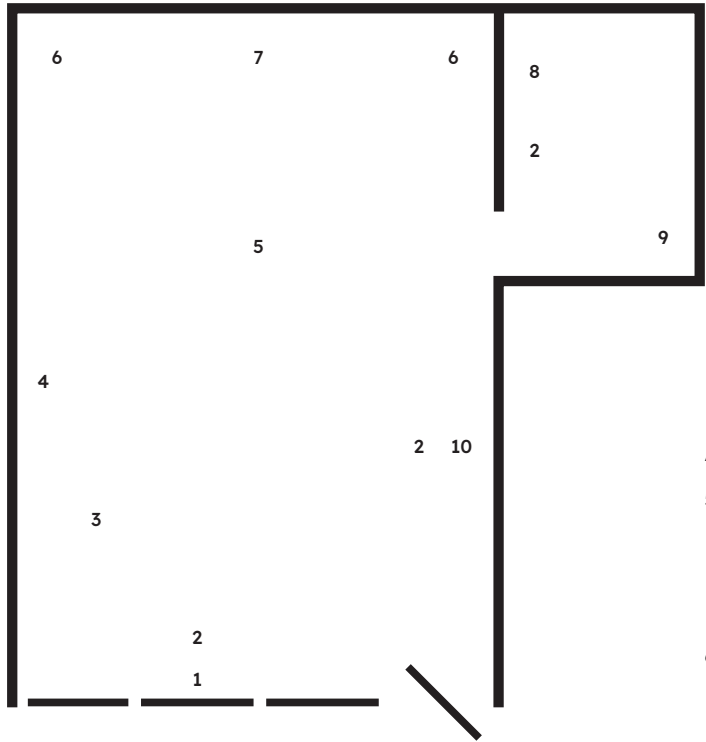


25^{set} — 28^{nov}

v a g a



André Carreiro Oliveira

- 5 **00.000.001 (Espécime Insular), 2026**
Basalto, madeira, plástico, luz UV, substrato,
Myrsine retusa, Erica azorica, Lauro azorica,
Juniperus brevifolia, Picconia azorica,
Frangula azorica, Viburnum treleasei
2,60 m x 2,60 m
- 6 **Som Verde, 2026**
Sintetizador digital, gravação de campo
Áudio, 01:42:35, loop

Atelineiras

- 1 **Alma de Seiva, 2026**
Livro, papel Alternative Book 90gr,
impressão a cores
Dimensões variáveis
- 2 **Abundante Constelar.. até ao Destino, 2026**
Fibra de basalto, limalhas de madeira
tingidas
- 3 **Que esteja sempre onde deva estar, 2026**
Inox escovado, limalhas de madeira,
fibra de basalto
200 cm x 150 cm x 150 cm
- 8 **Encantos de Seiva, 2026**
Óleos essenciais (Conteira, Criptoméria,
Cedro Branco), vidro
Dimensões variáveis
- 10 **tu desejas poder tocar me, 2026**
Vídeo HD 4K, cor, 59'57", loop

Tomás Toste

- 4 **Aqui não há um abrigo, 2026**
Pastel seco e pastel de óleo sobre
papel vegetal e estrutura de madeira
25 cm x 50 cm
- 7 **Eu vi, mas não agarrei, 2026**
Pastel seco e pastel de óleo sobre
tela e estrutura metálica
290 cm x 135 cm
- 9 **Planta-me brumas no olhar, 2026**
Pastel seco e pastel de óleo sobre
papel vegetal e estrutura de madeira
450 cm x 250 cm

EXPOSIÇÃO

Vade- -Mécum

Prémio nova vaga 2026
André Carreiro Oliveira
Atelineiras
Tomás Toste

Curadoria João Francisco Reis

AGRADECIMENTOS
Carpintaria Ivo
Direção Regional dos Recursos Florestais
Eng. Carina Nóbrega
Luís Paulo Oliveira
Miguel Cipriano
Nova Gráfica
Polícia Florestal Pedro Mendonça
Rita Naia
Sãozinha Parelho
Serralharia Auto Cabral

UM PROJETO

ESTRUTURA FINANCIADA POR

v a g a

Anda & Fala
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

GOVERNO
DOS AÇORES

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DA CULTURA

PONTA DELGADA
CULTURA

Advertência ao leitor

Dizem os antigos que huma exposição não se deixa conhecer de huma só vista, que a brumaceira terrestre encobre o que Sol não vence, y que o Mar esconde em sossego cousas que os Tempos não ousam desvendar. Convenha-se, o Viajante, não procurar somente os *caminhos* que à vista são os honestos, mas antes attender aos signaes, aos arômas e às hervas; ou aos horizontes, que por vezes fallão mais alto que os próprios lugares. No dia vinte y cinco de Setenbro do ano comum de dois mil y vinte y seis do calendário Gregoriano inaugurou a exposição *Vade-Mécum* - um compêndio artístico invulgar que organiza as artes y os ofícios dos laureados do *Prémio nova vaga 2026*. Referência para os questionamentos populares y intelectuaes, a presente mostra analisa os conhecimentos geraes e particulares da corpa artística que se nomeia Atelineiras. Entre a dessacralização y a predestinação, y entre o nobre engenho da escrita y o milagre da imagem em movimento. Do artífice André Carreiro Oliveira esperam-se labores naturaes, passagens pelos camiños dos antigos y fôlegos ecoantes. O inalcançável de Tomás Toste propaga-se entre a pintura y o desenho - o natural he uma forma y a sua paisagem regenera-se num núpero modo de ver. *Vade-Mécum* traduz algo que se leva, o que he habitar y pensar a ylha.

<i>Vade-Mécum</i> va.de-mé.cum • vade'mekũ	
nome masculino	
1. pequena agenda ou livro de notas, de transporte fácil e consulta frequente	
2. livro ou manual de pequeno formato, que se consulta amiúde (geralmente compêndio com os elementos fundamentais de certa arte ou ciência)	
Etimologia: Do latim vade mecum, «vai comigo»	

Resultado da pesquisa, das viagens e dos longos momentos de residência deste grupo de artistas, *Vade-Mécum* emerge numa exposição que propõe olhar de forma descentralizada para as ecologias, as histórias e as imagens insulares e, com elas, criar discursos paralelos que questionem as formas dominantes de produzir e transmitir conhecimento sobre o território.

Tendo como ponto de partida a criação de diferentes elos e ligações entre artistas, esta exploração aconteceu como uma transumância — um movimento constante pela ilha, estendido ao continente, que se propagou ao longo dos últimos seis meses. Nunca reunindo os artistas num mesmo local e colocando em relação diferentes práticas artísticas, *Vade-Mécum* remete não só para esse movimento de partilha e de comunidade, mas também para o pequeno objeto que o acompanha, o bloco de notas ou manual de consulta que explora elementos fundamentais do dia-a-dia. A exposição constitui-se, assim, como esse mesmo objeto: um lugar de encontro que pensa e reflete sobre diferentes formas de conhecimento e de estória.

Os trabalhos apresentados pelas Atelineiras colocam em perspectiva o seu processo e as suas preocupações artísticas, organizados em torno de quatro eixos centrais — o Destino, o Desejo, a Intenção e o Sonho. As obras criadas por esta *corpa* ao longo da exposição traduzem a construção de uma espiritualidade sensível, em constante contacto com a natureza açoriana e com a cultura insular.

Na primeira obra, *Alma de Seiva*, um almanaque carrega em si a espiritualidade e o mundo imaginado das Atelineiras, e contém o corpo conceptual que contextualiza o conjunto de trabalhos apresentado na exposição. Influenciada pelos tapetes das celebrações religiosas, a obra *Abundante Constelar.. até ao Destino* materializa o capítulo da Intenção e mapeia os sentimentos da coletânea. Os seus caminhos seguem pelas diferentes obras das Atelineiras através do espaço e do tempo, desenhados por pétalas, flores e caules construídos a partir de lascas de madeira e escamas de basalto.

O vídeo *tu desejas poder tocar me* representa o *Desejo*, acompanhado de duas legendas desenhadas na parede com o título da obra. O sonho de uma paisagem longínqua e enevoada remete para a atração pelos corpos naturais transmutados na ideia de corpo, alma e sexualidade. Na segunda sala, *Encantos de Seiva* contém o *Sonho engarrafado*: a promessa de que o destino, o desejo e a intenção podem ser encontrados e transferidos para um frasco que serve de veículo para uma experiência sensorial.

Abundante Constelar.. até ao Destino traça o percurso de volta à sala principal e à obra Que esteja sempre onde deva estar: um altar em alumínio polido que se eleva e culmina no ponto mais alto do ritual, do caminho e da espiritualidade. Nela estão representados todos os elementos utilizados nas restantes obras e esta encerra o percurso através dos quatro eixos que organizam o trabalho das Atelineiras.

André Carreiro Oliveira apresenta 00.000.001 (*Espécime Insular*), uma instalação que se ergue na sala principal da galeria como um dispositivo de observação de espécies nativas da ilha de São Miguel. Partindo da criação de uma narrativa especulativa como ferramenta artística, é apresentada a possibilidade de uma estrutura em basalto, um vestígio fictício que se esconde entre a fauna açoriana. A estufa é simultaneamente um espaço de observação da transformação das plantas e uma eventualidade arqueológica, um laboratório de hipóteses que cruza o tempo biológico e o tempo geológico.

A obra *Som Verde*, em loop ao longo da exposição, é a materialização digital do corpo de trabalho de André Carreiro Oliveira, um ambiente sonoro que contrasta com 00.000.001 (*Espécime Insular*) e gera uma dualidade entre espaço interior e espaço exterior a partir da cúpula auditiva que cria.

Na primeira sala encontram-se as obras *Aqui Não Há Um Abrigo* e *Eu vi, mas não agarrei*, de Tomás Toste: a primeira, um desenho em papel vegetal montado numa estrutura de madeira; a segunda, uma tela côncava montada numa armação metálica. Partindo do miradouro como um local que organiza a relação entre corpo e paisagem, *Eu vi, mas não agarrei* obriga o espectador a movimentar-se pela obra para estruturar o olhar e criar uma relação com o objeto. O horizonte observado na tela passa, assim, de um limite geográfico para uma superfície de projeção.

Em *Planta-me brumas no olhar*, um biombo de madeira e papel vegetal tem como pano de fundo uma pintura de uma paisagem verde repleta de hortênsias, que ocupa o canto da sala. O trabalho de Tomás Toste desdobra-se na procura da fragilidade da imagem, quer através do uso do papel vegetal, que cria uma translucidez semelhante a um nevoeiro que tolda a visão, quer através da abstração da própria imagem, arrastada verticalmente pelo papel como se de uma fotografia trémula se tratasse. Historicamente criado para separar ou ocultar, o biombo, tal como na obra anterior, funciona como meio que impede a total apreensão da paisagem. Cada ponto de vista cria e atualiza continuamente a imagem perante o espectador. O ato de ver torna-se uma experiência de suspensão.